

# O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 28

Estão frouxos os laços moraes, que ligam as relações entre governantes e governados. Vem de cima o mal pelos desgraçados exemplos, que nos dão:—fraqueza, nenhum respeito pela observancia das leis, contradictorios, desordem e anarchia.

A arte de governar não consiste em matar o deficit, tributando horrivelmente os povos,—fazendo-os pagar o que não podem, e ao mesmo tempo mandar construir dous ou tres caminhos de ferro para suavizar o mesmo deficit!—maldita arte de governar.

Menos caminhos de ferro, maiores economias e mais respeito pela execução das leis, e o governo conseguiria pelo desenvolvimento da moralidade publica, matar sem difficuldades o deficit da fazenda publica.

Não quer; presa muito os amigos;—a uns folga ve-los contentes assentados á mesa do orçamento;—a outros cria-lhes empregos;—aos descontentes, presta-lhes favores e da-lhes graças;—ao patronato, curba a cabeça;—o escandalo, não vê e cerra os ouvidos;—a immoralidade campeia, e os subordinados aproveitando estes tristes exemplos, que lhes veem de cima, continuam a obra da desmoralisação, e vexam a seu modo os que lhes estão dependentes—estes não se podem queixar, por que não teem quem os oiça e lhes faça justiça: desgraçado estado, infeliz paiz, triste condicção!

A revolta é um mal, e nos governos representativos, ao povo nunca lhes assiste o direito da opposição armada, porque deve usar do direito da representação.

E' verdade;—mas que é o direito de representação no nosso paiz?—attende-se?—pois ainda até hoje nenhuma mereceu consideração?

Queixam-se os povos, que o juiz de direito da comarca de Barcellos é uma auctoridade *malversora e concussionaria*.

Ordena o governo, que o magistrado do Min. Pub. dê informações.

Cumpre; e provam-se os crimes com documentos; o governo vê o estado afflicto dos povos e crusa os braços!

Sancto deus!—para onde vamos?—pois não viu o governo, sem que lhe restasse a menor duvida, que o juiz de direito de Barcellos ensinava aos escrivães, seus dependentes a viciar os mappas officiaes?—não viu com prova clara—com dous documentos irrecusaveis, que accusado de ter levado em um inventario emolumentos indevidos—avocava a si esse inventario, viciava-o,—falsificava-o para em seguida chamar *calumniador* ao seu adversario, que lhe apontava o crime, e lhe assegurava, como os factos se tinham passado?—que mais quer esse governo?—o despertigio da classe e a desorganisação social?—não é preciso mais; a dissolução é certa; os empregados publicos subalternos do juizo de direito de Barcellos já sabem (porque lh'o ensinaram), como se *falta á verdade aos superiores, como se falsifica, como se levam emolumentos indevidos, como se podem exercer vinganças e extorsões*;—falta agora, que o snr. ministro da justiça peça ao seu collega do ministerio da guerra os *arcabuses e bombardas* para metralhar *esses disculos*, que, dentro da orbita legal, se oppoem e não consentem em ser *ultrajados, espesinhados, roubados, escamoteados* por um juiz pouco escrupuloso nos meios que emprega para se enriquecer á custa alheia.

Estão partidas as cadeias—os laços sociaes d'ordem e subordinação, que ligam as differentes classes ao imperio da Lei e ao principio da auctoridade;—era preciso, para a desorganisação ser completa, que a auctoridade, em lugar de moralisar, exemplificar, reprimir, se posesse á frente d'essa desorganisação, evangelizando o *crime com o abuso do poder*!—triste sorte a da comarca de Barcellos, a quem os poderes publicos viram as costas para não vér nem ouvir os gemidos da victima!

Não são illusões, não é falsa a accusação;—as provas teem-nas o snr. ministro da justiça em seu poder, e mande *uma syndicancia*, como é do seu deyer, e ve-las-ha augmentar e tantas, como as cabeças da *hydra de Lerna*.

Entendeu o snr. ministro da justiça, que estava conjurado o *mal* removendo desta comarca o delegado do Min. Pub.

Como?—pois este é que era o accusado!—foi-o pelo juiz *denunciante*, mas

a comarca levantou-se como um só homem, e prottestou contra o *calumniador*, que não sabendo justificar-se, nem tendo a coragem de pedir *uma syndicancia*, abusava do poder—falsificava os documentos publicos, omittindo as circumstancias, que o prejudicavam, e honravam o *denunciado*, e com alina perda calumniava a sua victima!

Convenceu-se disto o snr. ministro da justiça, mas o *patronato*, tomou o lugar da razão.

Foi heroica a defesa do ex-delegado desta comarca, Nunes Pousão;—convenceu-se d'ella o juiz imparcial,—a verdadeira opinião publica desta comarca;—deu-lhe força o pedido expontaneo de *uma syndicancia aos seus actos*;—não se lhe concedeu, mas a recusa deu-lhe a justificação.

Pelo contrario, não se defendeu o *despota* e deixou correr a causa á revelia, porque não tinha defesa;—serviu-se do *patronato e fugiu da syndicancia*—e neste estado revoltou-se a opinião publica, e lavrou a sua sentença,—sentença condemnatoria, cujas manchas não lavam, nem toda agoa do Oceano!

Foi transferido o snr. Pousão, victima da sua honradez, do seu zelo e dedicação... foi considerado é verdade, mas não se respeitou nem moralidade, nem a justiça!

Com tal pratica, com taes principios quem respeitará as ordens superiores?—é o proprio ministro que ordena o cumprimento de um dever,—esquece-se e não se envergonha de dar o triste documento da sua contradicção!—para onde vamos snr. ministro da justiça?—peça ao seu collega os *espantos*, que teem de bazar os peitos dos que não creem nem na moralidade da resolução, nem na *innocencia do criminoso*, tantas vezes, com documentos, demonstrado.

E' futil o argumento da inamovibilidade dos juizes, porque as leis ainda falcultam meios para perseguir os *criminosos*.

Foi immoral a transferencia dos dous magistrados do Min. Pub., e é immoralissima a conservação do actual juiz de direito desta comarca, contra a vontade da verdadeira opinião publica, que o de-



testa e odeia, como um despota, como um infame, como um vil calumniador, como saltador das bolsas alheias.

Sr. Ministro da justiça, a lama, que se atira ás faces dos Barcelenses, ainda lhe ha-de espargir o rosto!—assim o cremos.

CUNHA OZORIO

## A SAUDADE.

DEFINIÇÃO D'ESTA GENEROSA PAIXÃO D'ALMA.

Florece entre os Portuguezes a Saudade por duas causas, mais certas em nós, que em outra gente do mundo; porque d'ambas essas causas tem principio. Amor, e ausencia, são os pais da Saudade; e como nosso natural é, entre as mais nações, conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens occasionarão as maiores ausencias; d'ahi vem, que dando-se a este muito amor e ausencia larga frequente exercicio, forão entre nós mui certas as saudades, e esta é sem falta a razão porque entre nós habitassem como em seu natural centro.

«É por tanto a saudade uma mimosa paixão d'alma, e por isso tão subtil, que equivocamente se experimenta, deixando-nos indistincta a dor da satisfação. É um mal de que se gosta, é um bem que se padece: quando fenece, troca-se a outro

maior contentamento, mas não que formalmente se extinga: porque se sem melhora se acaba a saudade, é certo, que o amor e o desejo se acabarão primeiro: não é assim com a pena; porque quanto é maior a pena, tanto é maior a saudade, e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males; conforme succede aos rios impetuosos, conservarem o sabor de suas aguas, muito espaço depois de misturar-se com as ondas do mar mais opulento. Pelo que diremos que a saudade é um suave fumo do fogo de amor, e que do proprio modo que a lenha odorifera lança um vapor leve, alvo, e cheiroso, assim a saudade modesta, e regulada dá indicios d'um amor fino, casto e puro. Não necessita de larga ausencia; qualquer desvio lhe basta para que se conheça. Assim prova ser parte do natural appetite da união de todas as cousas amaveis e semelhantes; ou ser aquella falta, que da divisão d'essas taes causas procede.»

É d'este modo que D. Francisco Manoel de Mello define a saudade nas suas Epanaphoras.

## NOTICIARIO

**Policia correccional**—Na que foi intentada pelo sur. dr. Vellozo contra o editor responsavel da *Lei e Ordem*, foi assignado o

e junto destas um esquite com luz á cabeça!

Noto, Compadre, que os *coveiros* ou *enterra defuntos*, que sempre forão olhados com desprezo, e asco, apesar do seu hygienico mister, estão muito em voga na actualidade, desde que o *Manel Zé Zina* se associou a um pára abrir a sepultura á fallecida *Lei da Desordem*. Virou-se o feitiço contra o feitiço: elle, que havia promettido metter o escalpello, afiado com toda a *placidez*, nos trez discolos, que *assolarão (?) o Ozorio* contra elle, muniu-se para esse fim de *coveiro*; mas bem longe deste sepultar os tres discolos anatomizados, enterrou a filha predilecta do *Zina*. Quem deseja o mal do seu visinho, o seu *lhe vem em caminho*, diz o dictado, e assim aconteceu ao lunatico *Manel Zé*.

Os de *Baião*, que segundo me diz o nosso *João de Vigo*, não distão muito de *Sinfães*, modelarão o seu procedimento pelo do *Zina*, premunindo-se de *coveiro*, o qual se a tinha pegar, vai ser para qualquer empreza um traste tão necessario, como um chinello velho para um pé doente.

No dia 22 do corrente, dia, em que o Bispo desta Diocese, com o Clero, e membros de uma associação, que aqui ha, denominada *Catholica*, tinham solemnizado com uma festividade religioza o 27.º anno da exaltação de Pio 9.º ao Solio pontificio, houve aqui começo de gravissimas desordens, que, com quantó abortassem, deixarão com tudo fermento, para se azedarem os animos, e mais tarde ou mais cedo romperem em hostilidades e excessos, que podem servir de nu-

dia 30, segunda-feira, para julgamento.

O editor responsavel declinou, e apresentou o autographo, escripto e assignado pelo escrivão da administração do concelho,—já foi trez vezes condemnado por eguaes motivos, sendo estes os exemplos que pertem da administração do concelho!

Sr. governador civil, é preciso recomendar este *digno* empregado ao governo, pedindo-lhe uma condecoração pelos assignalados serviços prestados á ordem e á moralidade! — se elle ameaça com o chicote e pontapé!

**Ficou absolvido**—O nosso patricio, o sr. Jeronimo José de Carvalho, que se achava preso, ha um anno, nas cadeias do Limoeiro, em Lisboa, por motivos, já conhecidos, ficou na sexta-feira passada absolvido pelo jury.

Regosijamó-nos com a noticia, e damos nossos sinceros parabens á sua familia, e aos seus amigos, no numero dos quaes nos podem contar.

**Conservatoria**—Dizem-nos que se vai mudar para a casa do fallecido João Elias, em Barcelinhos. E' muito longe, e entendemos, que Barcelinhos não é a villa, nem a villa é Barcelinhos. Se fossemos camara deixavamos ir o homem viver para onde lhe aprouvesse, mas a conservatoria havia de ficar na margem direita do Cavado, por via de duvidas. Valham Deus com estas coisas...

**O sr. de Gaido**—Ha certa gente, que se persuade, que o *Barcellense* é o *deute santo*. Que temos nós com as *escamoteações* do sr. de Gaido?—elle não é nosso parente para o admoestarmos;—dirijão-se ao papá, peçam-lhe o que elle lhes deve e se não der as providencias (o que não é de suppor) dirijão-se ao Min. Pub. e contem-lhe as façanhas do nosso heroe. Tenham sempre cautella, que o não saiba o *Zina*, porque se o

cleo a outros, que muito podem prejudicar o socego publico, de que tanto prezamos, para não seguirmos as pizadas da infeliz Hespanha!....

Finda a funcção religioza, quando se retiravão da Cathedral o Bispo, Clero e numerozo concurso de devotos, derão-se alguns *morras*, freneticos e entusiasticos *vivas* a varios, e com mais calor ainda á **LIBERDADE**; mas isto, como acinte injurioso, segundo me dizem, aos promotores da festividade!

Compadre, não sou suspeito no que passo a dizer; porque alto e bom som declaro, que sou liberal até á medulla dos ossos.

Como pode querer, que viva a *Liberdade* aquelle, que a quer só para si, e quer escravizar os outros, ou estorval-os de praticar aquillo, que a Lei lhes permite? Assim como El-Rei é o chefe dos Portuguezes, e todos tem o direito de solemnizar os seus annos, a sua exaltação ao Throno, ou outro qualquer acontecimento fausto, que lhe diga respeito, não é o Pontifico o chefe do catholicismo, e não podem os seus subditos solemnizar tambem os faustos acontecimentos, que lhe digão respeito? Podem, e nenhuma Lei lh'o prohibe. Não é o catholicismo a Religião do Estado, garantida pela Carta Constitucional? E: como quereis insultar quem pratica qualquer acto dessa Religião, que a Lei fundamental garante? Que *liberdade* é essa, que tão freneticamente victoriaes!

E *liberdade* de funil, o largo para vós, o estreito para os outros: isso não é liberdade é torpe *egoismo*!

Desculpão alguns esse mau acto, dizendo,

## FOLHETIM

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Isto por cá tambem vai em progresso, e se a athmosphera politica se anuviar, e tornar procelloza, muito temo, Compadre, que não falte quem queira corrigir, e ampliar as scenas *edificantes*, que, para vergonha do seculo actual, desgraçadamente forão representadas em *Pariz*, durante a horrorosa anarchia da *communa*, e que a nossa infeliz visinha Hespanha vai parodiando com muito primor para credito e gloria do regimen republicano. Se a criancinha *Republica*, que ainda não largou as mantilhas, já mostra tão maus instinctos, tanta desenvoltura, e descomedimento, que *me-géra* não será quando attingir a adolescencia?

Em *Baião*, que pertence a este districto administrativo do *Porto*, os povos circumvisinhos, armados com foices, forcados, machados, espetos, *clavmas*, *pistolas* & ao som do tambor, e levando na frente, como *portamachados*, cinco mocetonas armadas de foice, e forcado, forão postar-se nos sitios das *Caldas*, e *Conção*, para estorvarem, que as autoridades judiciaria, e administrativa procedessem a vistoria no montado de S. *Silvestre*, o que conseguirão pela attitude ameaçadora, que tomarão, chegando a arvorar uma bandeira negra, e a ter abertas oito sepulturas,



previnem, ensina-lhe *nova ponta* e temos o carro entornado—eis o caso:

Os nossos leitores já sabem d'aquelles 50 bilhetes de uma rifa, que custaram ao sr. Gourel seis mil réis;—que lhe façam muito bom proveito!

Agora, acaba de participar a esta redacção um sujeito da Povoá, que soffreu *igual cairim*;—coitado, mette dô vel-o chorar!—tenha paciencia, que o caso não é de morte, e o sr. de Gaido não se ha de sustentar com *alhos vedros*...

Atraz vem uma criada de servir, e prespeganos a *mesma cantiga*;—apre, que são massadores!—*minha amiguinha, o cantar quer hora, e o mar descanço, se não quer ir a casa do pai, vá a Ferreiros; aqui não se lê a buena-dicha, para outra vez, se quiser tenha mais juizo; no entretanto, roia os sabugos, que é conforto para quem perde;—mais vale perder isso do que a gentileza,—vá com Deus;—e foi-se;—fortes massadores;—não despegam nem a poder de pão quente.*

**Reunião**—Em consequencia dos acontecimentos, que se deram no Porto por occasião do *Te-Deum*, que a Associação Catholica celebrava em honra de S. Santidade—os liberaes do Porto fiseram uma reunião magna no salão da Porta do Sol, em que se tractou de faser uma representação ao governo pedindo providencias contra os excessos praticados n'aquella occasião pelas auctoridades, principalmente pelo commissario geral da policia.

Foi assignada a representação por muitas centenas de pessoas, sendo dirigida aos snrs. duque de Loulé, Joaquim Antonio d'Aguiar e Marquez de Sá da Bandeira para ser apresentada a El-Rei.

A questão mereceu a attenção do governo,

que o culpado é o Governo; porque tendo prohibido as conferencias do *Cassino* em Lisboa, não tem prohibido as da *Associação Catholica* no Porto.

Tambem não sou suspeito no que passo a dizer; porque não quebrarei a ponta de um alfinete pelo actual governo; porque o considero o mais immoral, e nefasto de quantos Portugal tem tido; que providencias tem elle dado para pôr cobro ás demazias, e malversações do immoral, corrupto, e iniquo juiz de direito desta comarca, não prova até á saciedade essa indifferença, que é immoral e corrupto, que despreza o justo clamor dos Povos, e de que só o domina o mais escandaloso patronato?

Pois bem; apezar da contá, em que tenho tal governo, serei, como costume, justo.

Fez bem o Governo em mandar fechar o *Cassino*, e em prohibir as conferencias; por que as doutrinas, e maximas, que alli se evangelizavão, erão, senão totalmente atheisticas, e subversivas da Religião do Estado, pelo menos nada hortodoxas, e como taes summamente perigozas; prohibiu com razão e justiça a quillo, que era opposto á Lei, isto é, com que se procurava subverter a Religião do Estado.

Ora, se as conferencias da *Associação Catholica* estão em harmonia com a Lei, isto é, se tem por fim roborar a Religião Catholica, que paridade ha entre essa *Associação* e o *Cassino*?

Dizem alguns, e eu piamente o crerei, que o fim da *Associação* é sinistro, e que, com a capa da Religião, trama contra a liberdade, e dinastia.

porque este reuniu em conselho de ministros para combinar a resposta, que deve dar á commissão nomeada pelo *meeting*.

**Discurso pomposo**—Ninguem aqui ignora, que o juiz de direito da comarca, quer nas perguntas aos Réos, quer ás testemunhas, é *caviloso*, e obra de forma, que ou estas teem a responder, como lhe apraz, ou são *insultadas* por elle com linguagem propria da ribeira.

Em audiencia publica, estando já assentada para responder uma testemunha, exultou-a a dizer a verdade, invocando para isso a corte celestial, e as auctoridades dos sanctos padres e não sei que mais, sendo certo, que terminou com a seguinte *sentença*:—*a testemunha deve responder a tudo que lhe for perguntado com aquella submissão, que é propria de um homem livre e honrado!*

Com esta theoria, a *submissão* consistia em a testemunha dizer o que o juiz quizesse para ganhar o titulo de *homem honrado*;—se não, não.

**Novo plano**—Confessou o *Zina* a um dos seus thuribularios (que lhe quer tanto bem, como nós) que tinha errado o seu plano contra o *Barcellense*, accrescentando que tinha sido *precipitado*, sendo esta a principal causa de lhe ter fugido a caça;—mas, agora com o *novo plano*, que a *sangue frio* tinha concebido, e que ia pôr em pratica, o *bote* era certo, e que o ia levar mil diabos, e pagar bem caras, as que lhe tinha feito:—*querenta numeros, e querenta façadas, afóra as insomnias por que tenho passado não se pagam com qualquer coisa!*

Pobre coitado, a *hydra de Lerna* tem cem cabeças;—decepa-lhe alguma, e verás, quantas renascem:—isto é dos livros. Deus se amercie de nós!—*Senhor, tende lá mão*

Em quanto os associados se limitarem a fazer *Te-Deum*, e festas religiosas, nenhum mal nos fazem; Deus, que é summamente justo, desprezará os seus rogos e preces, se vir, que são asnaticas, ou injustas; se porém os associados tramarem abertamente contra as instituições e dinastia, ou manifestarem por acções e obras os seus intentos, então.....antes morte honroza, que vida ignominioza: antes morrer livre, que viver escravo. De-se-lhes lição severa....; retrogradar nunca!

Aqui me contarão, Compadre, que para assistir á correccional intentada pelo *ex-Cavado Beleta* contra o *Barcellense*, marcada pelo *Zina* para o dia 18 do corrente, fora pelo *Conselheiro Ministro* requisitada ao *Bonga* a assistencia de um cabo e seis soldados do destacamento do 8, que ahi se acha; que com effeito estiverão desarmados, e fingiudo-se espectadores, os soldados requisitados! Oh! Compadre, esse passo dado pelo *Zina* é a prova mais convincente: 1.º de quo as intenções do lunatico e parcial juiz erão, não só não se dar por suspeito na cauza, em que elle é suspetissimo, como igualmente de que quaesquer, que podessem ser as provas, e razões adduzidas pelo réu em sua defeza, elle *Zina ab initio*, havia decedido condemná-lo; e se assim não fosse, para que era a comparencia da tropa, e do resto do destacamento reunido no quartel á primeira voz? E 2.º do medo, e terror, que o *Zina* tem deste bom Povo, que se não fora tão soffredor, e paciente, como na verdade é, ha muito, lhe teria applicado o merecido castigo. Atraz do tempo, tempo virá....

Tem servido de rizota, e de thema a mo-

n'isso, que pernas de pisco não são para isso!!

**E elles a darem-lhe e a burra a fugir**—Dizem os arautos do governo, (os prisioneiros da pansa pelo juiz de direito) que acabou a *Lei da Desordem*, porque o sr. Antonio Bernardino fallara ao juiz n'uma questão em que era *cessionario* de um homem da freguezia de S. Paio Dantas, do julgado de Espozende, e já se sabe queria a justiça pela sua parte. Accrescentam que fora tal a indignação do juiz, que immediatamente mandou suspender o periodico, e que foi motivo bastante para receber uma sentença contra *pe-las ventas*. Foi bem feito;—elle não diz isso assim—que a annullaram para dar salarios ao escriptivo;—lá se avenham, mas o que nós não entendemos, é a tal honradez; cada um vê a seu modo;—nós ainda não encontramos, quem soubesse *lavar um preto*;—cada um canta na festa como lhe faz geito, o *nosso modinho* é o caso do preto, se lhes serve, mandem-lhe vir a *carapuça*, sim?

**Romagem**—E' hoje a do Senhor da Fonte da Vida na Franqueira. O local convidado, e é dos mais aprasiveis que temos entre nós. Tudo alli se prepara por tornar magestoso o acto, e de certo não faltará quem vá gozar e passar o tempo para distracção da vida.

Nós entendemos assim estas romagens do pé da porta;—pois para rezar ou cumprir promessas são mais proprios outros dias.

E tudo é necessario, principalmente para a gente do *campo*, que precisa d'estas distracções.

**Outra**—Tambem entre nós se prepara uma grande funcção á Senhora das Dores, que se venera no Templo do Bom Jesus da Cruz. Observaremos e depois daremos conta.

tejos bem engraçados e riziveis o facto, que ahi se deu em dia de Corpus Christi, quando o *Zina*, querendo parodiar o rei *Bobèche*, se metteu n'um carro, e poz na *bolea* feito *lacaio* um official de diligencias de capa, volta, e vara em punho! Compadre, eu, que sei a sublimidade do grau, a que pode chegar a fatuidade desse *paspalhão*, muito me havia de custar a acreditar na veracidade desse facto, apezar do *Barcellense* o ter narrado, se pessoas fidedignas, e que o prezenciarão, m'o não tivessem contado! Isso não obstante, muita gente por aqui ainda duvida, que o lunatico tal fizesse, ainda mesmo que elle fosse no desempenho das funcções do cargo, que tão indignissimamente exerce; quanto mais lindo, como foi, a serviço privativamente seu. Isso além de burlesco, é aviltar os empregos de justiça: quantos d'esses empregados, por serem pobres, não estarão superiores em tudo e por tudo a esse *bisborria* ridiculo!!

A sr.<sup>a</sup> *Francisca de la Aurora Perez Rendon* publicou um manifesto, aconselhando ás mulhéres, que nem vão ás igrejas, nem baptizem os filhos; a um, que teve em Maio, poz o nome, segundo consta do registro civil, *La so á Revolução Social!* Ainda se fosse *Pas-saro da Revolução Social*, talvez tivesse a sua razão de ser. Estes republicanos Hespanhoes sempre tem lembranças, que acreditão o sistema!

Seu Compadre e Amigo.

NICOLAU TORTULHO



**Exumação de Santa Isabel.**—No dia 26 de Março de 1612 foi aberta a sepultura da Rainha St.<sup>a</sup> Isabel, por mandado do Summo Pontifice Paulo V, em ordem á sua canonisação, a que assistiram o bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, e de Leiria Martin Affonso Mexia, o padre-mestre Francisco Soares, lente de Prima n'aquella Universidade, e outras pessoas de graduacão conhecida. Foi achado o sagrado corpo inteiro e flexivel, respirando suavissima fragancia, o rosto com admiravel viveza de cor alegre e magestoso, os cabellos louros, braços e mãos como de pessoa viva. Foi visto com igual ternura e admiracão de todos os que se acharam presentes.

**Honras e pintores celebres**—Julio III, fazia assentar «Miguel Angelo» diante de si; e Paulo III fez-lhe uma visita d'honra precedido por dez cardeaes.

Ticiano, retratando Carlos V pela terceira vez, disse-lhe este; «É pela terceira vez que me daes a immortalidade.»

N'outra occasião cahiu a Ticiano um pincel no chão, estando a pintar na presença d'este monarcha; o imperador se abaixou a colhê-lo, e vêdo o pintor confundido com tanta honra, disse-lhe; «Ticiano merece ser servido por Cezar.»

Gnido, cubria-se diante de Paulo V, e dizia—que se o Papa lhe não facultasse esta graça, elle a tomaria.

**Sinos.**—Os sinos são conhecidos pelos chins e japonezes, e o eram pelos egypcios, desde a mais remota antiguidade.

Na Grecia, os sacerdotes serviam-se d'elles para chamar o povo aos sacrificios.

Foi no anno 400 que o bispo de Nola introduziu o uso dos sinos nas egrejas.

Em França começaram-se a usar em 550, e em Constantinopla em 865.

O maior sino que se conhece na Europa é o do convento de Troiskoi, proximo de Moscow, o qual tem 14 metros de circumferencia, meio metro d'espessura, e pesa aproximadamente 122:000 arrateis.

**Superstições musulmanas.**—Os mahometanos, e especialmente os do Indostão acreditam ainda fervorosos nos erros mais absurdos e nos mais grosseiros preconceitos, consultando a opinião dos astrologos a respeito de acontecimentos mais triviaes da vida.

Para estes povos ha dias e horas felizes, dias e horas de influencia nefasta. Em cada mez contam 6 dias aziagos.

O modo de contar estes dias é o seguinte: contam os 30 dias pelos dedos das mãos, principiando no dedo minimo e terminando no pollegar. Os dias que correspondem ao dedo medio são os dias aziagos, e por consequencia são os dias 3, 8, 13, 18, 23 e 28

Consideram ainda cada dia da semana dominado por um planeta; o domingo pelo Sol, segunda-feira pela Lua, terça por Marte, quarta por Mercurio, quinta por Jupiter, sexta por Venus e sabbado por Saturno. Julgam o domingo favoravel, para o bom exito dos medicamentos e para vestir fato novo; a segunda para principiar edificações; a terça propicia para a guerra, mas funesta para construcções e casamentos; a quarta boa para o estudo e má para funeraes; a quinta propria para celebrar nupcias; a sexta vantajosa para viagens; o sabbado auspicioso para emprezas commerciaes. Todas as horas do dia ainda são dominados pelos planetas por um modo favoravel ou desfavoravel.

São ainda exemplos curiosos d'estas superstições extravagantes os seguintes factos: na quinta-feira não se visitam doentes, nem se tomam remedios; quem nasce na terça-feira é de caracter hypocrita e desleal; a quarta-feira é funesta para todos os negocios e trabalhos, excepto para o estudo. São ainda bons ou maus agouros a presença repentina e imprevista de um gato e de outros animaes, a direcção em que se sente um espirro, em que voam as aves, etc.

## ANNUNCIOS

### AGRADECIMENTO

Maria do Rozario Viuva, d'esta villa, não podendo pessoalmente como desejava, agradecer a todas as pessoas que lhe fizeram a honra de a visitar, acompanhar e assistir ao responso que no Semiterio da St.<sup>a</sup> Caza, se fez pela alma de seu falecido marido Domingos José Lopes, e bem assim aos illm.<sup>os</sup> snrs. Phylarmonicos que gratuitamente tocarão ao mesmo responso, a todos agradece e protesta seu eterno reconhecimento.

### ACHADO

Quem perdesse um cochim em muito bom uso, umas esporas e uma corda que udo foi encontrado na rua Direita desta villa, falle n'esta redacção.

### MACHINAS DE COSTURA

DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Caryalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e al-gudões de cores proprias para as mesmas. Preço commodo. Ensino Gratis. (3)

### CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA DO BARCELLENSE

Assigna-se em Barcellos no escriptorio no Campo da Louça, na frente do Norte.

#### Preços:

Por trimestre 420 réis—Franco de porte 560 réis—Numero avulso 30 réis.

No mesmo escriptorio se recebem annuncios e correspondencias a 30 réis por linha, com o abatimento aos srs. assignantes de 50 por cento;—annuncios repellidos 15 réis.

Toda a correspondencia deve vir franca de porte, legalisada e subscriptada á Redacção do BARCELLENSE.

Para os srs. assignantes quando seja de interesse publico será inserida gratuitamente.

## COMPANHIA REAL INGLEZA

DE

### PAQUETES A VAPOR

### CARREIRA QUINZENAL

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres



PAQUETES	DATA DAS SAIDAS	PAQUETES	DATA DAS SAIDAS
DOURO	13 de janeiro	EBRO	30 de fever. <sup>o</sup>
LIFFEY	29 de »	BOYNE	13 de março
NEVA	13 de fever. <sup>o</sup>	TIBER	29 de dezbr. <sup>o</sup>

Os vapores EBRO, TIBER e LIFFEY não tocam em Pernambuco e Bahia.

Os passageiros de 3.<sup>a</sup> classe tem gratis boliches com colção e roupa de cama, comida com abundancia, e vinho duas vezes por dia.

Para mais esclarecimentos em Barcellos ao Agente—Manoel Antonio Esteves.

Destino	1. <sup>a</sup> Classe	2. <sup>a</sup> Classe	3. <sup>a</sup> Classe	Criados
S. Vicente	13	10	40\$000	39\$000
Pernambuco	22	15	40\$000	66\$000
Bahia	24	15	40\$000	72\$000
Rio de Janeiro	27	20	45\$000	81\$000
Montevideu	32	20	54\$000	96\$000
Buenos-Ayres	32	20	90\$000	96\$000

Preços, incluindo a passagem no caminho de ferro do Porto a Lisboa:

### RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. do **Barcellense**

CAMPO DA LOUÇA N.<sup>o</sup> 11.